

Joaquim Seabra Pessoa, o pai de Fernando Pessoa. Que é sabido da sua vida, do seu amor paternal, dos seus escritos? Ao «Diário de Notícias», em particular, a sua vida ficou intimamente ligada, ao longo de cerca de 16 anos (1876-1892). Aí desempenhou, com zelo e assiduidade, as funções de cronista musical. Eis

# O pai de Fernando Pessoa através de cartas inéditas

**Manuel Cadafaz de Matos**

Entre 13 de Junho de 1888, data do nascimento de seu filho Fernando, e 3 de Junho de 1892, altura em que publica a sua última crónica no «Diário de Notícias», a produção é verdadeiramente vasta. Num cômputo global poder-se-á dizer que a sua produção em todo esse período de quatro anos ultrapassa as 180 crónicas.

Esse é, por assim dizer, o seu período «sem história» — o próprio nascimento do Fernando não tem história: é a normalidade da vida daquele que se assume numa tripla vertente: chefe de família, funcionário público e amador de espectáculos de ópera e de concertos. A sua «história de vida» neste período — a encarregarmo-nos dela algum dia — terá de ser feita a partir dos elementos ideológico-estéticos transpostos para as crónicas do «Notícias».

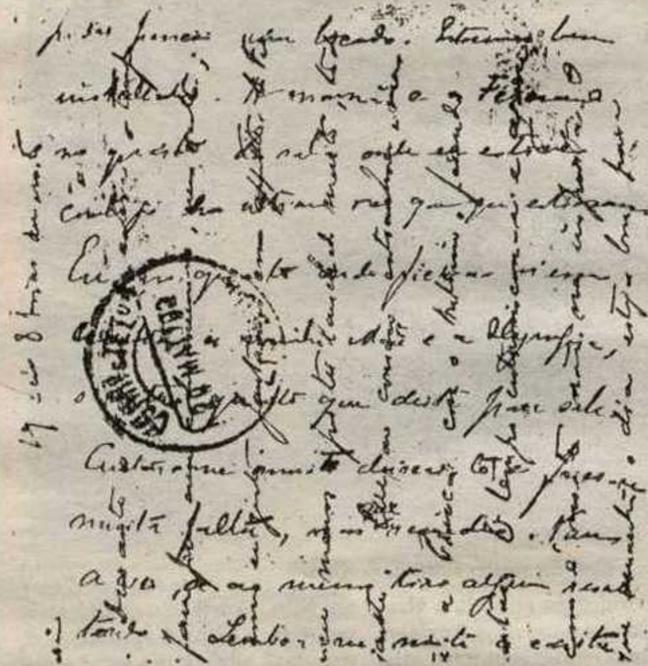
O fim deste período é, de facto, sombrio. A tuberculose que, seguramente desde há muito o minava, apoderou-se dele, dominou-o. Em resultado de uma situação incontrolável — a saúde já deveras precária — é-lhe recomendado ir para as águas de Caneças. Instala-se, então, no Hotel Progresso onde chega — segundo a documentação de que dispomos (e que foi colocada à nossa disposição por Henriques Dias, irmã do poeta) leva a admitir — em 19 de Maio de 1893, sexta-feira. Data desse mesmo dia (?), pelas 8 horas da noite, com efeito, o bilhete postal escrito à mulher em que diz: «Chegámos bem». Ora a utilização do plural tem, aqui, um significado de interesse para este estudo. É que não foi sozinho. Levou consigo, além de uma outra fami-

liar, a «Mamã», o Fernando, seu filho, o futuro Poeta, à altura com quatro anos de idade (quase a fazer os cinco).

Uma solidão profunda é interiorizada por este homem que, casado ainda não há muitos anos, como se viu, deixava pela primeira vez a mulher por um período que não se avizinhava ser apenas um fim-de-semana. A forma de vencer esta solidão era escrever-lhe bilhetes postais e cartas, a um nível quase diário. E, curiosamente, para poupar papel — e como era prática corrente na época — praticava uma «escrita cruzada», ou seja, depois de escrever até ao fundo da folha na horizontal, rodava o postal e passava a escrever num plano cruzado.

São pungentes, a nosso ver, algumas cartas deste homem que, lidas numa óptica psicanalítica, denotam a profunda solidão que sentia. Ele próprio tinha consciência de que a situação não seria brilhante em termos de saúde. As respostas que, na altura, a ciência médica tinha para casos como o seu não eram, ainda, deveras satisfatórias. Ia-se vivendo até ao fim, minorando na medida do possível (e com os remédios ou drogas existentes) o mal que se tinha. O seu médico, o dr. João de Korth, que como ele andava frequentemente pelo S. Carlos, ia-o acompanhando como podia.

A permanência de Joaquim Seabra Pessoa nesse antro isolado e calmo — longe do bulício da cidade, da plateia do S. Carlos e do D. Maria e das secretárias da redacção do «Notícias» — era uma mudança diferente de vida. Ia ao tratamento às águas. Passeava-se pela praça da terra (hoje praça dr. Manuel Arriaga). Lia o «Diário de Notícias» e o «Século» pedindo



Fragmento de uma das missivas do pai de Pessoa

à sua mulher que não se esquecesse de lhos mandar.

A primeira estada em Caneças prolongou-se, pelo menos — ao que verificamos por essa mesma epistolografia que apresentamos em apêndice documental —, até 3 de Junho seguinte, sábado. Regressado a casa, as suas melhoras, porém, não se fizeram sentir. Antes pelo contrário: a evolução natural da doença, com a terapêutica então utilizada, designadamente o arsénico e o quinino, empurravam-no, gradualmente, para um fim irremediável.

E dado o avanço da doença, a 15 de Junho, o seu médico, dr. João de Korth, levou-o para sua própria casa, em Telheiras, a fim de mais de perto se poder dele ocupar. A morte, porém, apodera-se dele em 23 de Julho desse mesmo ano. E, como procuramos provar (através da biografia «Joaquim Seabra ou o

Engenho Sensível», que se encontra no prelo, devendo vir a público sob os auspícios da Fundação Eng.º António de Almeida, Porto, ainda este ano), manteve-se até à véspera do desenlace em casa de seu amigo dr. João de Korth, na referida casa de Telheiras. Quando a morte de Joaquim Seabra Pessoa adveio, no Largo de S. Carlos, cá fora na rua, ou na casa de algum familiar, o pequeno Fernando, com cinco anos apenas, jogaria o pião, escutaria de longe, talvez, o sino da sua aldeia, centrada na Igreja dos Mártires. Um mártir tinha partido. E com a sua morte a Poesia renascia.

Três cartas inéditas de Joaquim Seabra Pessoa

[19-5-1893(?)]

19=às 8 horas da noite

Minha querida Maria  
Chegamos bem. Durante o tra-

jecto esteve o tempo \* muito bom não fazia frio nem calor excessivo nem vento \* estava temperado, como eu gosto. Jantamos com apetite. O Fernando é que comeu menos por ter lanchado muito, todo \* o pão que arranjaste. Elle ao começo estranhou mas \* agora já está a brincar com o António, fazendo \* soldados de cartas. O tempo entrouviscou-se e agora \* chove, mas como é noite não me importa. O \* que desejo é que amanhã o dia esteja bom para \* poder passear um bocadinho. Estamos bem \* installados. A mamã e o Fernando \* no quarto da sala onde eu estive \* contigo ha ultima vez que aqui estivemos \* Eu no quarto onde ficaram n'essa \* ocasião a minha Mãe e a Olympia \* o outro quarto que deita para a sala. \* Custou-me muito deixar-te e fazes-me \* muita falta mas que remedio. Vamos \* a ver, se ao menos tiro algum resul- \* tado. Lembrome muito a carita \* do Jorge, tão alegre e sympathico. \* Coitadinho. \*

Como estará a minha Mãe? Fico \* com muito cuidado n'ella. \* Saudades muitas à Lisbella \* e saudades da Mamã para ti \*

Adeus teu  
Joaquim.

Caneças, 20 de Maio de 1893

Minha querida Maria

Escrevi-te hontem à noite. Até as 11 horas estive jogando o voltarete com \* a D. Quitéria e D. Joana. Fui depois para o meu quarto e, como aqui a digestão \* se faz mais depressa tomei antes de me deitar um copo grande de leite, mas \* do leite de cá que troquei pelo que trazia, que é esplendido. É um leite de \* vaca saborosissimo, como poucas vezes tenho tomado. Deitei-me e dormi bem \* até às 4 horas, em que acordei com frio. Deitei mais roupa e consegui \* aquecer, mas o frio fez-me constipar mais e de manhã tive mais tosse. \* Das 4 horas em diante pouco ou nada dormi e antes das 7 levantei-me, mesmo \* mal disposto. Tomei outro copo do tal bello leite e tratei de me arranjar. \* Antes de almoçar tive algum frio e depois o (...), hoje com mais 2 graus \* de febre, 38,1. Por isso, apesar do Korth dizer que não to-

masse remedio, preparei depois de (...) a quina e arsenico, porque ha 3 dias \* que a febre vem augmentando, talvez por estar um pouco constipado \*\* O dia não está mau, mas um pouco frio \* e por isso não quis sair à cautella, nem \* a Mamã que tambem está bastante constipada. \* O Fernando felizmente está bom, e dormiu muito \* bem e almoçou com muita vontade. Tem \* brincado muito com o Antonio. \*

Recebi o teu bilhete pelo meio dia. Estimo \* que a minha Mãe estivesse mais socegada. \* Deus queira que não haja maior trabalho. \* Sinto muito a tua falta e tenho saudades da carita do Jorge \* Dá um abraço na Lisbella e recomenda- \* me a todos. \*

Adeus, são 2 ¼ da tarde. Quis \* aproveitar um bocadinho em que vim \* aqui ao quarto para te escrever e \* não o faço depois de jantar que me \* custa mais. \* teu dedicado (?) \* Joaquim

Minha querida Maria

Passei esta noite um pouco mais socegado até às 5 horas, mas depois começou a tal dor de cabeça com arrepios de frio de maneira que quando me levantei não podia comigo. Tenho tido febre e não sei o que isto será. Estou à espera que o Korth se levante, para ele me ver, e quero combinar para ficar hoje aqui no quarto, trazendo-me cá o almoço e jantar.

Tencionava ir amanhã a Lisboa e ficar lá para depois, e ou melhor ou pior irei provavelmente porque estando mais doente quero ir para casa. A minha vontade era ir já hoje.

/ verso /  
Não sei o que isto será, sei que estou muito incomodado e que sinto muita febre.

Adeus, custa-me a escrever.  
teu dedicado

Joaquim

12/7/93 (1)

(1) Carta escrita por Joaquim Seabra Pessoa a sua Esposa, na véspera da morte, a talvez não muitas horas antes do desenlace. A sua vontade de ainda vir a Lisboa nesse dia acabou por se tornar realidade, mas apenas como uma forma de poder morrer na casa onde residira com sua mulher e filhos.



Afecto às Letras.  
Homenagem  
da Literatura Portuguesa  
Contemporânea  
a Jacinto do Prado Coelho  
(Vários)  
Esc. 2100\$00



Hospital das Letras  
de David Mourão-Ferreira  
Esc. 420\$00

LIVROS  
DA  
IMPRESA  
NACIONAL

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA